

Rui de Azevedo Teixeira

O histórico e o literário em “Glória” de Vasco Pulido Valente

Ao longo de cinco anos, Vasco Pulido Valente¹, com o apoio, maior ou menor, de quinze pessoas, pesquisou e escreveu sobre a vida de José Cardoso Vieira de Castro, a personagem-tema de *Glória*. A versão pré-final do livro tinha cerca de oitocentas páginas²; a versão que acabou por vir a lume pouco menos de quinhentas. Estas páginas impressionam singularmente porque nelas a minúcia levítica e o volume imenso da documentação histórica são, para além da sua pura severidade, enobrecidos com um cuidado arranjo diegético que é da ordem do literário³. Assim, a primeira e também a definitiva impressão com que se fica de *Glória* é a de que é um trabalho inspirado que é um monumento ao trabalho, esse par da virtude tão alheio a José Cardoso Vieira de Castro.

O primeiro acto de posse de um livro é a leitura do seu índice. No caso de *Glória*, esse acto revela de imediato que se trata de uma obra que casa matéria factual com mecanismos literários de dramatização. As “Notas” ou a “Bibliografia”, que juntas dão vinte e oito páginas, apontam para um grande aparelho informativo; por seu turno, dentre os dezoito sintagmas titulares dos capítulos, destacam-se “Uma educação”, “A vida boémia”, “À procura da glória”, “Os direitos da paixão”, “A eleição”, “A queda”, “O crime”, “O degredado” e “A morte do herói”, títulos que segregam de imediato uma linha de vida rica, acidentada, dramática. São títulos que se podem encontrar, como banalidade, em romances do século XIX, século em que viveu Vieira de Castro e em que preferencialmente vive, e nos dá a viver, o Vasco Pulido Valente historiador⁴.

A substância de *Glória* vai muito além do que o seu índice, centrado nas estações de uma vida, publicita (mas uma exigência serena não quer de uma tábua de títulos mais do que uma teia de indícios da expansão que promete). Assim, a matéria do livro de Pulido Valente, estofada no percurso vital de Vieira de Castro, contempla também de forma maciça os grupos humanos, os ambientes e as instituições que o mesmo José Cardoso Vieira de Castro percorreu. Ou seja, *Glória* leva-nos, numa visita guiada, ao Portugal público de meados de oitocentos, privilegiando os seus bastidores e, nestes, dando especial relevo a casos de “vileza lusa” (p. 41). Com esta estratégia de, utilizando um *exemplum* negativo como alavanca narrativa,

fazer reviver todo um tempo e os seus espaços, toda uma unidade histórica, e em última instância “a irracionalidade” e “a materialidade” da vida, Vasco Pulido Valente mostra a sua clara recusa em seguir qualquer das dimensões do positivismo que ainda manda na disciplina de História. No estudo e investigação do passado, a Vasco Pulido Valente interessa o indivíduo, interessam as pessoas, e não, ou muito pouco, tudo o que se situa a nível do geral e do abstracto, como aliás frisa na “Introdução” a *Glória*⁵.

A matéria histórica de *Glória, Biografia de J. C. Vieira de Castro*, seguindo sempre na pegada do seu herói epónimo e sustentada por milhares de citações e de notas, cobre, entre outras, a Academia de Coimbra, onde Vieira de Castro aos “20 anos já era um herói académico e político” (p. 44) mais famoso do que Antero; a vida boémia do Porto, onde surgem os amigos “adúlteros” (p. 101) de Castro, Camilo e Ana Plácido; a célula do poder de Fafe, através da qual Vieira de Castro se alça à Câmara dos Deputados; as manobras políticas e jornalísticas em Lisboa, capital onde o provinciano Vieira de Castro, armado com o seu virtuosismo oratório, com o seu teatro retórico, atinge uma fugaz glória; a elite dos portugueses do Brasil, em particular do Rio de Janeiro, com a qual Castro convive e da qual retira uma esposa com dote confortável; e Luanda, a cidade do degredo e da “morte do herói”. Todo este histórico – e uso o termo não sem acribia mas mais no seu sentido lato –, embora não esqueça os grandes momentos, incide preferencialmente na pequena intriga, na malícia furtiva, na *petite histoire*. E, no que tange directamente a Vieira de Castro, muitos dos factos estão em trânsito para fictos, carregam consigo uma inequívoca dimensão romanesca.

A factualidade respeitante a Vieira de Castro parece organizar-se espontaneamente em torno dos tópicos essenciais do romanesco: a aventura e o amor. Vieira de Castro é um aventureiro da ambição e da glória e simultaneamente vítima (e algoz) de um amor maior e carrasco de amores menores. E os marcos da sua vida são um exemplo perfeito de ascensão e queda: de rápida, fulgurante ascensão – que começa com o caso Barjona, em Coimbra, onde enfrenta “o lente de prima” (p. 36) e o restante corpo catedrático da Universidade, o que o torna instantânea figura nacional – e uma queda lenta, um longo “processo de demolição”, como diria Scott Fitzgerald, que tem o seu ponto chave quando mata Claudina, a sua juvenil mulher de domesticidade rebelde a quem amou (sem ser amado) com um amor mau e uma raiva narcísica. Para além das grandes isotopias romanescas que são a aventura e o amor e das estações de uma trajectória vital de tragédia clássica, com *Hybris, Hamartia, Nemesis e Sparagmos*⁶, a vida de Vieira de Castro tem também as características de um *Erziehungsroman* no qual se ensartam, num ou noutro ponto, episódios de um *Künstlerroman* (Vieira de Castro tentou o destino literário copiando, mal, o estilo de Camilo⁷). Em suma, a massa da vida de Vieira de Castro, o seu histórico pessoal, é só por si matéria de romance, substância de ficção.

Sobre esta matéria vital, já de si de incidência romanesca, Vasco Pulido Valente procura e consegue efeitos de ficção⁸. A dramatização da matéria fáctica fá-la Pulido Valente não através – o que é mais corrente em casos análogos – da concentração da linha de vida de Vieira de Castro mas usando de uma ordenação criativa dos factos dessa mesma vida. Tal como Truman Capote, em *In Cold Blood*, ou Norman Mailer, com *The Executioner's Song*, dois casos sementais de *non-fiction fiction*, Vasco Pulido Valente é minucioso com os factos mas criativo na sua arrumação⁹. Doutro modo, o autor é absolutamente fiel e quase completo em relação à matéria diegética (o que leva por vezes à atonia narrativa) mas criativamente infiel em relação ao seu arranjo, livre no que toca à configuração diegética, à ordenação dos tempos e respectivos espaços. Esta ordenação criativa do material de vida de Vieira de Castro manifesta-se essencialmente através de inúmeras passagens pósteras em relação à linearidade temporal, alguns segmentos retrospectivos e uma longa série de desvelamentos e ocultações, ou seja, um carrossel de ardis de *suspense*. Com este modo de construção, Vasco Pulido Valente consegue um andamento narrativo bastante nervoso e uma efabulação enlambentada.

E o literário – uso o termo na sua acepção mais vasta – de *Glória* acentua-se com a linguagem. Como diz o autor na “Introdução”, se “não salvasse a linguagem não salvava nada”. A linguagem que salva é a do tempo, uma linguagem florida, cheia de assomos retóricos, como “díscolos turbulentos” (p. 37), “mancebo de brios” (p. 39) ou “deixar cair dos lábios” (p. 60). Esta opção matricial de valorização da linguagem, se bem que não a do próprio autor de *Glória*, revela que o livro não se contenta com apenas *mostrar*, quer também *dizer*¹⁰, ou seja, tem um propósito também literário.

Em síntese conclusiva: na *Prosawerk* que *Glória* é, as relações habitualmente complexas, as relações de espelhos partidos, entre o histórico e o literário são resolvidas ordenando-se o *documental* de modo *monumental*¹¹ e ressuscitando de caminho a linguagem dos letrados da época. O princípio orientador do livro foi o de soldar – e não fundir – a essência com a aparência, o fundo factual com a forma ficcional¹².

Notas

1 Aliás Vasco Valente Correia Guedes.

2 Informação que me foi transmitida pelo médico e antigo Ministro da Saúde Carlos Macedo, amigo íntimo de Vasco Pulido Valente.

3 Sendo este um ensaio prático, só muito secundariamente me interessam aqui as reflexões teóricas sobre a História, a Literatura e as relações entre ambas.

4 O século XIX é não só o século das duas grandes afinidades electivas de Vasco Pulido Valente – Oliveira Martins e Eça – mas também o bloco temporal ao qual o autor de *Glória* dedicou a maior parte da sua pesquisa documental e historiográfica.

5 Este posicionamento de Pulido Valente é o primeiro e decisivo passo para, tal como Michel Foucault por exemplo, recusar a linha teórica que entende a História como uma ciência, aproximando-a antes da arte.

6 “(...) a exagerada autoconfiança, ou *Hybris*, de Vieira de Castro, que se quer sempre no centro da vida pública portuguesa, seja através da contestação estudantil em Coimbra, da intervenção política e social em Lisboa e Porto ou do cativo lugar polémico nos jornais; o erro trágico, ou *Hamartia*, que é o assassinato de Claudina e a forma rafeira e desmiolada como procura subtrair-se ao castigo; a consequente indignação dos Deuses – neste caso da opinião pública –, ou *Nemesis*; e, finalmente, a desgraça, ou *Sparagmos*, da estação terminal que é o degredo e a morte em Luanda, suprema humilhação do homem de palco atirado para a ultra-periferia.” (Rui de Azevedo Teixeira, “Os sinais prévios”, *JL*, 4/9/02).

7 Camilo, na sua relação com Vieira de Castro, revela-se um amigo da onça e um vampiro literário. Sobre Castro e Claudina escreve a novela *Voltareis Ó Cristo* e o drama *O Condenado*, enegrecendo em ambas as peças as duas figuras baseadas em Vieira de Castro.

8 Estes efeitos seriam quase totais se fossem retirados as aspas, a bibliografia, as notas e o restante aparelho paratextual.

9 São múltiplas, e algumas essenciais, as diferenças entre as obras dos dois norte-americanos e a de Pulido Valente. Por exemplo, nelas, embora o apoio documental seja fortíssimo, não existe qualquer parafernália informativa como sucede em *Glória*, pelo que as duas obras se deixam apresentar como Literatura, no sentido normativo do termo, e não como História, como sucede com o livro do português.

10 Uso aqui a dicotomia de Claude-Edmonde Magny (*L'Âge du Roman Américain*, Paris, Seuil, 1948, p. 59).

11 Cito aqui, obliquamente, a célebre expressão de Hippolyte Taine.

12 Em *Glória* a primazia pertence claramente ao histórico, há um *superavit* do histórico para um *deficit* do literário. A título de um curto enquadramento de obras que misturam História com Literatura, refiram-se autores recentes como Seomara V. Ferreira, que privilegia a História, Cristina Norton, que tem a Ficção como dominante, e Paulo Moreiras, cuja “ficção, regida pelo pícaro, abandona a História, esmagando-a sob um inventivo fogo de artifício de novo/velho vocabulário” (Miguel Real, “História e ficção”, *JL*, 30/10/2002).